
Jornalismo visual: perspectivas para o ensino¹

Yara Medeiros²

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz-MA

RESUMO

Este trabalho traz resultados do projeto “Trajetórias do ensino do Jornalismo Visual: experiências pedagógicas no Nordeste Brasileiro”. O estudo investigou Planos Pedagógicos de Curso de 15 graduações de jornalismo e 15 professores foram entrevistados respondendo sobre formação, teorias, práticas e perspectivas. Para este artigo, o recorte se concentra no perfil e perspectivas dos professores, além de refletir sobre as referências dos planos pedagógicos. A metodologia foi qualitativa, aplicando a análise temática e a entrevista em profundidade. Foi detectada a necessidade de atualizar as bibliografias e focar na edição visual digital em detrimento dos meios impressos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior; Comunicação Visual; Planos Pedagógicos; entrevista em profundidade; práticas pedagógicas.

Introdução

Questões relativas à produção visual têm trazido dilemas tais como o uso de imagens estimuladoras da desinformação e geradas a partir da inteligência artificial. Fatos ilustradores da complexidade dos processos visuais no âmbito das mídias e mais especificamente do papel do jornalismo na construção social dos discursos imagéticos em meio às mudanças estruturais da atualidade.

Com a popularização de redes sociais como Instagram e o TikTok encontramos mais razões para investir em uma formação de competentes leitores e editores visuais. Recente Relatório de Mídia Digital do Instituto Reuters (2024) ouviu 94.943 pessoas em 47 países sobre hábitos de consumo de notícias e os vídeos aparecem como uma fonte de notícias importante, principalmente entre jovens. Vídeos noticiosos curtos são acessados por 66% dos entrevistados, e os mais longos, por 51% no período de uma semana. Usam majoritariamente as plataformas de internet, 72%, ao invés de sites da

¹Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em Imperatriz. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: yara.medeiros@ufma.br.

mídia tradicional, 22%. Para os entrevistados, esses vídeos parecem mais confiáveis e autênticos porque não contêm filtros e trazem pontos de vista diferenciados³. Os resultados detonam a falta de criticidade em relação a estes meios, pois a edição visual pode ser manipulada também para parecer autêntica.

Com o intuito de compreender como essas mudanças se refletem na formação dos jornalistas como editores visuais, este trabalho traz um estudo de Planos de Ensino e de Práticas Pedagógicas de 15 cursos de jornalismo sediados na região Nordeste do Brasil fruto do projeto de pesquisa “Trajetórias do ensino do Jornalismo Visual: experiências pedagógicas no Nordeste Brasileiro”. Os Planos Pedagógicos de Curso (PPCs) foram coletados e 15 professores participaram da pesquisa respondendo sobre formação, teorias, práticas e perspectivas. Para este artigo, o recorte se concentra em observar o perfil e as reflexões dos professores sobre o futuro da área relacionadas às referências indicadas nos PPCs. Foram consideradas disciplinas tais como Programação Visual, Design Jornalístico e Planejamento Gráfico e Editorial. A metodologia utilizada foi qualitativa, aplicando a análise temática e a entrevista em profundidade.

Para definir o recorte das disciplinas, foi considerado o conceito de jornalismo visual (Harris e Lester, 2002), que compreende a comunicação jornalística a partir exclusivamente do código visual ou do código verbal em associação com o visual, representado especialmente pelos infográficos, gráficos, ilustrações, jornalismo em quadrinhos, fotografias, audiovisuais e pelo design editorial dos impressos e digitais. Medeiros (2020) chama atenção para a necessidade da construção de bases teóricas e práticas para o ensino da comunicação visual nos cursos de jornalismo atendendo às demandas contemporâneas. A produção visual no campo, embora tenha se diversificado com o surgimento dos formatos digitais, ainda não é uma área valorizada nos currículos universitários. O jornalismo privilegia o código verbal.

O termo jornalismo visual de Harris e Lester (2002) indica a aproximação de técnicas do jornalismo e das visualidades tais como arte, design, infografia, visualização de dados e fotografia. Para delimitar ainda mais, foram consideradas as disciplinas voltadas à edição visual. Atualmente o jornalismo incorpora a edição visual multimídia e os formatos impressos têm se tornado obsoletos.

³ Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2024#header--8>. Acesso em 21/06/2024.

Questões visuais

O curso de jornalismo passou por alterações em suas diretrizes curriculares, fato que afetou a carga horária de disciplinas relacionadas à comunicação visual. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) de 2013 para o curso de Jornalismo apresentam-se os parâmetros para elaboração dos projetos políticos pedagógicos. O artigo 4, inciso 6, direciona o projeto político pedagógico para “ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal de trabalho, nem dite as referências da profissão”. Essa mudança de paradigma atinge os processos de ensino da produção editorial. A área gráfica e o ensino da edição visual em jornalismo se consolidou a partir dos impressos.

Algumas observações devem ser consideradas em relação às novas diretrizes e suas recomendações quanto à formação visual. Na busca pela palavra fotojornalismo, imagem, estética ou comunicação visual não há nenhuma menção. Desse modo, o documento não traz uma recomendação clara para a área. Essa problemática da imagem enquanto matéria disciplinar não é exclusiva do ensino superior, sendo que há reivindicações por melhores condições nesse sentido também no ensino básico. “Não é por acaso que estranhemos o universo imagético encontrado em nossas escolas, descontextualizados da vida social dos alunos e do forte repertório visual externo aos muros da escola” (Solange e Lopes, 2011, p. 156). Para as autoras, o repertório gráfico se torna limitado e limitador em um ambiente (a escola) que é formador de uma cultura visual, e desse modo, pode tornar os adultos “inaptos a originar informação gráfica”. Também não é por acaso que na pedagogia da educação midiática a leitura de mensagens visuais é uma habilidade a ser desenvolvida (Ferrari; Ochs; Machado, 2020)

Com a preferência pelo consumo de notícias e reportagens nas telas, sobretudo do celular, as lógicas de design editorial e de jornalismo visual se reconfiguram. O leitor nascido no século XXI já não compreende com naturalidade certos padrões editoriais, como a lógica do folhear e da diagramação em página dupla. Os jornais, que foram os primeiros a migrar para o ambiente digital, demonstram desapego ao rigor gráfico da área editorial, sendo que há uma perda significativa de expressão gráfica. Sobre as adaptações dos jornais impressos brasileiros ao ambiente digital, Araujo (2019, p. 167)

observou “uma outra linguagem focada apenas no enunciado dos títulos e das legendas, sem a preocupação com a importância estética das imagens e das formas tipográficas.”

Embora haja essa perda, os nativos digitais, como relata o autor, apostam em experiências visuais mais complexas e anunciam um futuro mais otimista. “Sites nativos da web investem numa linguagem diferenciada, priorizando a convergência digital e a diversificação multiplataforma, com o uso de recursos audiovisuais para informar mais e, ao mesmo tempo, entreter o leitor” (Araujo, 2019, p. 167). Mas esta tendência vai encontrar barreiras na imposição do design responsivo, que se adapta a todo tipo de tela e requer designs mais simples. “Área em que a estética é pouco explorada, formal, indexada por links” (Araujo, 2019, p. 167).

Medeiros (2020, p. 361) detectou mudanças no jornalismo visual em grandes reportagens brasileiras. “O contexto de inversão da prioridade do impresso aponta para a substituição dos diagramadores pelos programadores, sendo necessário ao jornalista aprender o básico desses códigos para saber as possibilidades práticas do formato”. Para além de uma discussão técnica sobre o fazer, as questões da veiculação de imagens impactam as construções de sentido, sendo fundamental a discussão crítica e a formação leitores de imagens, promovendo um “alfabetismo visual”, analisando a forma, conforme Dondis (1997), e ainda a profundidade estética das conotações e imaginários associados à compreensão visual.

Nesse sentido, o ensino na área se depara com desafios. Oliveira e Araújo (2017) destacam a experiência no ensino da disciplina de Design de Notícias e analisam que há uma valorização do fazer textual desvinculado da apresentação visual. Para as autoras, “a velha cisão forma e conteúdo precisa ser, mais do que nunca, desconstruída no curso de Jornalismo” (Oliveira; Araujo, 2017, p. 216).

Demo (2007) salienta como um dos tipos fundamentais de alfabetização a visual, em um mundo no qual a aprendizagem por meio das imagens é imprescindível, pois gradativamente a página vem sendo substituída pelas telas altamente imagéticas “afetando profundamente a lógica e a semiótica da leitura”, e promovendo a expectativa de textos visualmente bem desenhados. Para a formação em jornalismo, a habilidade de edição visual é cada vez mais cobrada.

Metodologia

A metodologia de trabalho foi quali-quantitativa, com o mapeamento dos Planos Pedagógicos de Curso, Componentes Curriculares e Planos de Ensino das disciplinas que se encaixam no conceito de jornalismo visual e entrevistas em profundidade com 15 professores do Nordeste do Brasil abrangendo todos os estados da região e 15 universidades. O mapeamento organizou um conjunto significativo de dados sobre os cursos de jornalismo com a coleta dos PPCs e mais especificamente do campo em questão, entendendo como estão estruturadas as disciplinas voltadas ao visual nas grades curriculares e como se constituem os planos de ensino dos professores entrevistados.

O recorte na região Nordeste se deu pela proximidade dos cursos com a sede do projeto e ainda para servir como uma base metodológica que possa ser aplicada a outras regiões do Brasil. Gaskell (2002, p. 68) considera que a entrevista na pesquisa qualitativa levanta uma diversidade de aspectos. “Não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”. Duarte (2005, p. 62) conceitua a entrevista em profundidade individual como uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”.

A escolha dos professores entrevistados foca em disciplinas de edição visual, como Programação Visual, Design Jornalístico e Planejamento Gráfico e Editorial. Para as entrevistas, não foram selecionados professores de Fotojornalismo e Telejornalismo por estas áreas já terem campos de estudos consolidados, sendo inclusive ministradas por educadores com experiências específicas, e necessitam de uma investigação à parte, que poderá ser realizada em uma ampliação desta pesquisa. Os componentes escolhidos se articulam ao fotojornalismo e ao telejornalismo, área que utiliza videografias, visualização de dados e design gráfico, todos ligados ao jornalismo.

Foi elaborado um questionário semi-estruturado para as entrevistas em profundidade com os professores. As questões abrangem um perfil socioeconômico e quatro áreas prioritárias: Formação, Teorias, Metodologias e Perspectivas. Com a Covid-19, foi acrescentado o tema Adaptações da Pandemia pela necessidade de mapear as transformações das práticas pedagógicas no período de ensino remoto.

Com a aprovação de três Planos de Trabalho no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-2021-2022), sendo duas bolsista (Maira de Jesus Soares – Fapema e Larissa Pereira da Silva - UFMA) e uma voluntária (Andreia Nascimento – UFMA) os trabalhos de coleta de dados foram divididos entre as pesquisadoras da iniciação científica separando três estados para cada uma delas. Cada plano apresentava um objetivo distinto: organização do banco de dados do projeto, análise temática do conteúdo das entrevistas e análise dos planos pedagógicos. Foi criado um banco de dados do projeto para arquivar e estruturar a plataforma da base de dados.

Resultados

O perfil revelou uma formação variada dos docentes, da Comunicação Social, como Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Radialismo (Gráfico 1). No entanto, também temos professores licenciados nas áreas de História e Filosofia, apenas uma docente formada em Desenho Industrial/Programação Visual.

Os resultados apontam que nos cursos estudados os docentes não têm formação específica e aprenderam com suas experiências de mercado, alguns se desenvolveram lecionando e produzindo peças laboratoriais com os alunos. Uma constatação da pesquisa foi compreender que a disciplina é destinada a pessoas com afinidade com a área e não necessariamente pela formação visual e, às vezes, até mesmo sem experiência profissional.

A maioria são jornalistas com conhecimentos práticos no mercado ou que passaram a ministrar a disciplina por afinidade e experienciaram a produção em atividades laboratoriais. O Professor 1 relata que seu envolvimento com a área audiovisual se aproximou da área visual pela fotografia. "A foto me levou, por exemplo, a buscar a pós-graduação"⁴. A professora 2⁵ conta que aprendeu do zero as disciplinas relacionadas ao visual. Mesmo não trabalhando de modo direto com a produção gráfica, algumas experiências como assessora e o repertório visual que acumulou a auxiliaram a

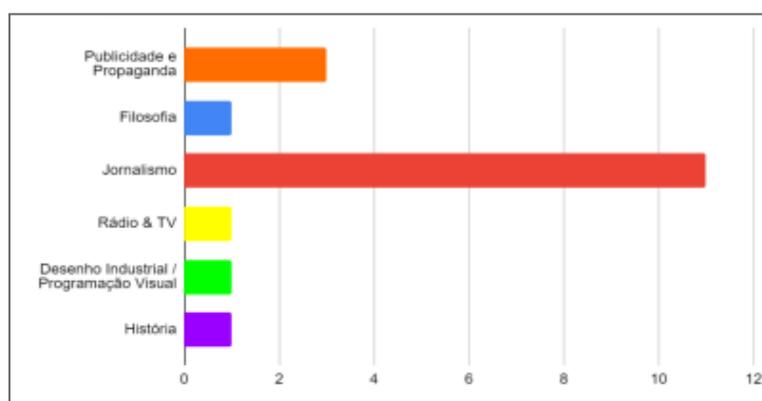
⁴Informação verbal. Professor 1[07/06/2021] Entrevistadora: Andreia Nascimento. *Google Meet*. Um arquivo.mp4 (1h12min). Todas as informações desta fonte são provenientes desta entrevista.

⁵Informação verbal. Professora 2 [06/10/2021] Entrevistadora: Maira Soares. *Google Meet*. Um arquivo.mp4 (1h 26min). Todas as informações desta fonte são provenientes desta entrevista.

desenvolver no campo. Os métodos pedagógicos mudaram ao longo dos anos. O foco era o jornal impresso, agora é o jornalismo digital.

Dos 15 educadores entrevistados, 12 trabalham com dedicação exclusiva, ou seja, 40 horas semanais. Os três docentes que não adotam a carga horária fazem outros trabalhos, como design gráfico, pesquisa, consultoria ou atua em outras instituições de ensino superior. A maioria dos profissionais trabalha somente na universidade, dividindo-se com as aulas práticas e teóricas e projetos de pesquisa na instituição. Isso se dá pelo recorte da pesquisa que focou em universidades públicas.

Gráfico 1 — Formação dos professores



Fonte: Elaborado por Máira Soares

A partir da análise dos planos pedagógicos e dos depoimentos dos professores, foram observadas mudanças e necessidades de atualização nos processos de ensino da edição visual. Nas referências bibliográficas das disciplinas, a obra de Antonio Celso Collaro, “Projeto Gráfico” (2000), é a mais citada entre as disciplinas de Design da Notícia, Jornalismo de Revista, Laboratório de Jornalismo Impresso, Laboratório de Planejamento Gráfico, Projeto Gráfico e Editoração, Comunicação e Design Jornalístico, Planejamento Gráfico e Editoração, Editoração Eletrônica em Jornalismo, Editoração e Processos Gráficos, ao todo sete vezes.

O livro de Collaro (2000) não apresenta conteúdo adaptado ao contexto digital ou à plataformização. É um manual básico para os processos anteriores calcados no impresso. O uso frequente desta bibliografia pode ocorrer pela falta de livros adquiridos para o campo pelas bibliotecas. Na formulação dos PPCs é exigido o uso de obras

acessíveis nas bibliotecas da instituição na qual o curso é oferecido. Também é possível perceber que a bibliografia mais atual é a obra de José Maria de Moraes, “Design de Notícias e Padrões Gráficos no Jornalismo Impresso”, de 2018.

De modo geral, os livros se referem às práticas do jornalismo impresso, tanto nos PPCs quanto nos depoimentos percebe-se que área necessita se adaptar ao contexto digital por conta da diminuição dos impressos no jornalismo, situação evidenciada por alguns professores entrevistados para o projeto. As quedas de circulação dos meios impressos apresenta quedas a cada nova pesquisa e o fechamento de muitos jornais clássicos ou a transformação em formato digital é uma realidade em São Luís, com fechamento do Estado do Maranhão, em São Luís, em Fortaleza com a adesão à edição apenas digital do Diário do Nordeste, assim como do Jornal do Commercio de Recife.

A amostra permite observar como as bibliografias refletem uma prática voltada ao impresso e se dedicam a questões técnicas e estudos da forma, sem abordar questões mais profundas da estética. As nomenclaturas das disciplinas da área têm denominações diversas e são associadas a disciplinas como Jornalismo Impresso, principalmente quando se relaciona a palavra gráfico.

Alguns cursos incorporaram a palavra “design” às disciplinas e outros mantiveram o foco nas palavras “gráfico” ou “visual”, conforme pode ser evidenciado na Tabela 1. Esta constatação pode levar a outras investigações mais aprofundadas sobre como estas diferentes abordagens podem influenciar o pensamento e prática educacional. Embora haja diferentes modos de nomear as disciplinas, a bibliografia não difere significativamente quando se comparam os PPCs.

A pandemia acelerou a necessidade da área visual se voltar mais aos produtos digitais incorporando ao conteúdo conhecimento de design digital e de softwares de criação, como o Canva, e de montagem de sites, como Wordpress e Wix.

Os depoimentos dos professores divergem dos planos pedagógicos, ainda ligados à matriz impressa nas disciplinas de planejamento gráfico e editorial, sendo que atualmente o jornalismo se processa em primeiro plano, mais significativamente, no ambiente digital. Os educadores percebem a necessidade de mudar o paradigma, mas boa parte ainda se ancora no ensino da produção gráfica para o impresso.

Tabela 1 – Nomenclaturas mapeadas nos PPCs

Instituição	Nome da disciplina
Universidade Federal do Maranhão - São Luís	Design da Notícia
Universidade Federal do Maranhão - Imperatriz	Laboratório de Planejamento Gráfico
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Temas Especiais em Planejamento Gráfico em Jornalismo
Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB)	Editores e Processos Gráficos
Universidade de Fortaleza (Unifor)	Design Jornalístico I e II
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	Design de notícias
Universidade Federal do Ceará (UFC)	Design Editorial em Jornalismo Programação Visual em Jornalismo
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Editores e Programação Visual, Fotografia
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Planejamento Gráfico em Jornalismo
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	Comunicação e Design Jornalístico
Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Planejamento Gráfico e Editores
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Projeto Gráfico e Editores
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)	Editores Eletrônica em Jornalismo
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Laboratório Integrado em Jornalismo I e Tópicos Especiais em Planejamento Visual Jornalístico
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Laboratório Integrado em Jornalismo I e II, divididas com outros dois professores

Fonte: Elaborado por Andreia Nascimento Cabral

Professores entrevistados defendem que o mercado de trabalho procura por profissionais para atuar em plataformas digitais, portanto esse deve ser o foco do ensino e desenvolvimento de habilidades. A professora 3⁶, ressalta em sua entrevista a falta de mercado para o campo impresso. Os alunos não saem preparados para essa área de trabalho, pois existe uma desproporção sobre o que é ensinado e o que é cobrado na prática do jornalismo local. Essa visão também aparece nas perspectivas dos educadores para o futuro da área conforme será discutido adiante.

⁶ Informação verbal. Professora 3 [13/06/2022] Entrevistadora: Larissa Silva. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h17min). Todas as informações desta fonte são provenientes desta entrevista.

Os estudantes não saem preparados pra essa visão sistêmica, pra essa visão de narrativa, pra essa relação com o público, pra esse pensamento visual. Se a gente trabalha por exemplo com a ideia do que é o gerenciamento de redes, gerenciamento de redes sociais para um cliente, por exemplo, que é algo que tá muito na prática do egresso do jornalismo, é um gerenciamento que passa pela noção de projeto, pela noção de todo, pela noção de público e pela noção de comunicação visual. Isso pra mim é design puro e simples. É design aplicado ao jornalismo (Professora 3, 2022, informação verbal).

O ensino remoto também acelerou processos de conhecimentos de novas ferramentas antes não utilizadas pelos professores e alerta para a necessidade do foco em planejamento visual para ambientes digitais. O professor 4⁷ aplica e percebe que antes mesmo da pandemia já havia necessidade de inserir essas práticas, e com a falta de mercado para essas áreas tradicionais da comunicação no formato impresso a mudança na formação é inevitável.

Já alguns educadores consideram que os formatos impressos estimulam a criatividade e por isso não se pode abandonar as velhas práticas, a de se valorizar o conhecimento acumulado no campo do design editorial em papel. Práticas de composição manuais não foram abandonadas pelos docentes. São técnicas que parecem como um estímulo à criatividade, com exercícios que dispensam o computador. O Professor 5⁸, estimula primeiro o esboço no papel. Os trabalhos manuais estão presentes no ensino presencial, embora seja também um entusiasta dos formatos digitais. O professor destaca a importância e a necessidade de inovar ao passar seus conhecimentos. “Evito que cheguem limitados somente ao computador (Professor 5, 2021, informação verbal).

Os educadores entrevistados apontam que as perspectivas futuras do campo estão voltadas para o digital, principalmente com os sites de notícias, e a produção cada vez mais visual proporcionada pelas plataformas de mídias sociais existentes. A Professora 6⁹ leva para seus alunos não só referências de sua formação na reportagem multimídia, como também produção de outros alunos. Ela destaca que é de suma importância para que os discentes tenham uma base de referências para que eles tenham

⁷Informação verbal. Professor 4 [09/09/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (54min02s). Todas as informações desta fonte são provenientes desta entrevista.

⁸ Informação verbal. Professor 5 [13/04/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h53min). Todas as informações desta fonte são provenientes desta entrevista.

⁹Informação verbal. Professora 6 [17/08/2022] Entrevistadora: Larissa Silva. Google Meet. Dois arquivos mp4. (44min 40 segundos e 49min 18 segundos). Todas as informações foram retiradas dessa fonte.

capacidade de produzir produtos de qualidade até mesmo dentro da graduação. Ao longo do tempo suas aulas foram modificadas, pois sempre procura levar para a sala de aula atualizações e novas referências tendo como exemplo matérias de reportagem multimídia que possuem novas proposta de design de web, além de técnicas de paginação, navegação e uso das mídias. Além disso, o jornal impresso também é inserido pela professora nas aulas. Atualmente ela busca por atualizações nas referências na área de planejamento gráfico e editorial, e principalmente voltada para web. Seu método de aula é definido com aulas teóricas e práticas.

[...] muitas das disciplinas que peguei de visual foram voltadas pra práticas, Edição Eletrônica, Edição Audiovisual e Sonora, então sempre foram muitas pra práticas, mas repenso. Sempre em minhas atuação, é teoria e prática, não vejo como separar, apesar do PGCC colocar em algumas caixinhas algumas disciplinas, as minhas disciplinas sempre acabam tendo essa mescla, pra mim não tem como você ir pra prática se você não tem o mínimo de teoria ou de formação na própria produção jornalística visual (Professora 6, 2022, informação verbal).

As preocupações dos professores quanto à inserção no mercado de trabalho na área digital é mais evidente nas cidades menores. A pesquisa abrangeu as cidades de Mossoró (RN), Imperatriz (MA), Juazeiro do Norte (CE) e Cachoeira (BA). O Professor 7¹⁰ relata a dificuldade até mesmo para estágio, sendo que essa área tem mais visibilidade e oportunidades em cidades maiores. E afirma conhecer egressos que criam seus próprios meios montando seus sites de notícias vendendo anúncios.

O mercado acaba sendo mais externo à cidade, desta parte visual pelo menos. Quem quer trabalhar com visual acaba tendo o seu próprio produto, inclusive para estágio, né? Quando os alunos precisam, os alunos têm que estagiar porque é obrigatório, eles acabam indo para outras cidades, até cidades próximas que são maiores, que são mais metrópoles (Professor 7, 2022, informação verbal).

O Professor 4 (2021, informação verbal), embora atue em grandes centros, acredita que o digital será mais forte no futuro e que o jornalismo de dados e a visualização de dados serão importantes. Há “um peso nesses meios digitais, [está] praticamente sumindo essa linguagem do impresso” (Professor 4, 2021, informação oral).

¹⁰Informação verbal. Professor 7 [25/08/2022] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (54min18s).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessária uma revisão das grades das disciplinas voltadas ao jornalismo visual e o treinamento de professores para atender às demandas contemporâneas, buscando plataformas acessíveis e/ou gratuitas para exercício do design editorial digital. O que se evidencia nesta pesquisa é que programas de edição on-line se adequam melhor às necessidades contemporâneas. Muitos alunos não têm computador, nem conhecimento básico em informática, mas usam softwares como o Canva no celular. Programas mais pesados e de uso exclusivo no PC têm menos utilização. Sem os laboratórios das universidades o ensino fica inviável.

A análise das grades curriculares demonstrou que precisam estar alinhadas com o modo de consumo prioritário da informação nos dias atuais e há uma necessidade de renovação das referências bibliográficas. Tanto para atender melhor os leitores quanto para que os discentes consigam se tornar profissionais preparados para diversas situações possíveis de encontrar na profissão.

Os docentes usam metodologias práticas para que os alunos produzam os materiais, como jornais laboratoriais e peças gráficas individuais, para que compreendam o funcionamento da composição entre a linguagem verbal e a visual no contexto jornalístico e possam finalizar os produtos. Ou seja, as disciplinas estudadas estão mais voltadas ao saber técnico. Como as formas de comunicação frequentemente se reconfiguram, os professores da área devem estar em constante contato com as mudanças tecnológicas. Mas diante da força da imagem nos dias atuais, as grades curriculares devem ser equilibradas para que a edição visual não se torne apenas um instrumento de apresentação do conteúdo e, ainda, uma forma de comunicação visual na qual a informação visual tenha valor jornalísticos, a partir de escolhas responsáveis sobre a imagem.

As diferenças em relação ao ensino no Nordeste parecem claras considerando o tamanho das cidades e as preocupações dos professores quanto à inserção no mercado de trabalho. Nas cidades menores, os professores apontam que não há mais mercado para o impresso e, portanto, não enxergam um futuro para os alunos nessa área e, por isso, buscam introduzir mais conteúdo voltado ao digital.

Há 10 anos o curso de jornalismo passou por alterações em suas diretrizes curriculares, fato que afetou a carga horária de disciplinas da comunicação visual. O foco no digital não foi especificado para disciplinas de ordem visual e isso acabou por retirar das grades disciplinas conceituais como estética e teorias da imagem. Teorias que precisam ser aplicadas ao contexto digital no qual a interação se dá por inúmeros processos de comunicação visual. A leitura da imagem digital identificando impactos na produção de sentido é um caminho para área, mais do que a técnica, o pensamento visual deve ser priorizado. Retomamos assim, a necessidade de uma educação visual para o mundo digital.

Nos depoimentos os professores relatam que nessa área as mudanças são incessantes de acordo com o avanço tecnológico e o professor precisa estar atento a estas mudanças. O ensino remoto acendeu um alerta sobre a falta de acesso dos alunos às tecnologias digitais e aos softwares da área gráfica, assim como a necessidade de renovação no ensino. Os professores estão cada vez mais envolvidos com o digital, o que permite destacar a importância do desenvolvimento de competências gráficas desta natureza no curso de jornalismo. Concluímos que é necessária uma revisão das grades das disciplinas de jornalismo visual para atender às demandas contemporâneas.

As disciplinas voltadas ao jornalismo visual tradicionalmente abordam os processos de produção editorial e a maioria dos professores não vêem mais sentido em desenvolver competências de edição gráfica para o jornalismo impresso. Pesquisas futuras podem indicar as tendências em outras regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. **A reconfiguração do jornalismo visual nas interfaces digitais sob influência do design responsivo e da imprensa nativa da web**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Comunicação, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, agosto de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. 2013. **Diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em jornalismo, bacharelado, e dá outras providências**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em 21/06/2024

COUTINHO, S. G.; LOPES, M. T. Design para educação: uma possível contribuição para o ensino fundamental brasileiro. In: BRAGA, Marcos da Costa (org.). **O papel social do design gráfico: história, conceitos e atuação profissional**, Editora Senac, São Paulo, 2011

DEMO, P. Alfabetizações: desafios da nova mídia. In: **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, vol. 15, nº 57, Rio de Janeiro, Fundação Cesgranrio, p. 543-564, out-dez, 2007.

DONIS, A. D. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERRARI, A. C.; OCHS, M. e MACHADO, D.. **Guia da Educação Midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

HARRIS, C. R.; LESTER, P. M.. **Visual Journalism: a guide for a new media professionals**. Boston, EUA: Allyn and Bacon, 2002.

MEDEIROS, Y. **Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, fevereiro de 2020.

OLIVEIRA, E. A.; ARAÚJO, J. L.. Design de notícias no curso de Jornalismo: uma experiência de ensino a partir do design da informação. **Revista Brasileira de Design da Informação**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 204-217, 2017.

PROFESSOR 1 [09/09/2021] Entrevistadora: Andreia Nascimento. Google Meet. Um arquivo.mp4 (54min02s)

PROFESSORA 2 [06/10/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h 26min)

PROFESSORA 3 [13/06/2022] Entrevistadora: Larissa Silva. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h17min)

PROFESSOR 4 [09/09/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (54min02s)

PROFESSOR 5 [13/04/2021] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (1h53min).

PROFESSORA 6 [17/08/2022] Entrevistadora: Larissa Silva. Google Meet. Um arquivo mp4 (1h24min)

PROFESSOR 7 [25/08/2022] Entrevistadora: Maira Soares. Google Meet. Um arquivo.mp4 (54min18s)